
Respeito
não tem
cor



Naquela manhã, a professora Bia estendeu uma folha bem grande sobre a mesa e convidou:

— Vamos desenhar a nossa turma? Cada um pode fazer seu retrato!



Lia desenhou seus cachinhos. Pedro fez o cabelo espetado. Nina caprichou no sorriso, com uma janelinha no lugar do dente que havia caído. Na hora de pintar a pele, as crianças experimentaram os lápis e misturaram tons.



— Vou fazer minhas bochechas iguais às da minha mãe! — contou Nina.
Aos poucos, a folha foi ficando cheia de retratos. Bento chegou perto da mesa com um lápis na mão.



— Onde posso fazer o meu?

Lia olhou o papel e apontou um espaço ao lado do seu desenho:

— Aqui! Vou puxar minha cadeira para você sentar.



Enquanto Bento desenhava, a ponta do lápis de Pedro quebrou.

— Pode usar o meu enquanto eu pego o apontador — ofereceu Nina.

Quando terminaram, a professora colocou o cartaz no chão, no meio da roda, para todos observarem.



— O que vocês veem aqui?

— Nossos cabelos são diferentes! — disse Pedro.

— E nossos sorrisos também! — percebeu Nina.



— Mas faltou uma coisa — falou Bento. — A Lia me ajudou a encontrar um lugar. Eu queria colocar isso no desenho!

— Eu também quero desenhar a Nina me emprestando o lápis! — disse Pedro.



A professora trouxe mais papel, e as crianças desenharam o que havia acontecido naquela manhã. Depois, juntaram tudo: os retratos e as cenas de ajuda.



— Agora nosso cartaz mostra como somos e como cuidamos uns dos outros — disse Bia. — Quando damos espaço, escutamos e tratamos cada pessoa com carinho, mostramos respeito.

— Mesmo sendo diferentes? — perguntou Pedro.



— Sim! Ninguém precisa ser igual a outra pessoa para merecer respeito.
Juntos, escolheram o nome do cartaz:
“Respeito não tem cor”.



Na hora de guardar os materiais, Bento abriu espaço na prateleira para a caixa de Lia.

— Aqui cabe a sua também!



Lia sorriu. O cartaz estava pronto, mas o respeito continuava aparecendo nas pequenas atitudes da turma.